

## Introdução

A fábula do imperador chinês

Um imperador da China voltou de uma longa e estafante batalha preocupado com o futuro de seu império. Estava velho e sabia que deveria pensar em um sucessor. Como tinha dezenas de filhos, não sabia a quem escolher. Depois de consultar os deuses e seu coração angustiado, escolheu o filho de sua esposa favorita na juventude, cuja memória lhe era cara. Todavia, percebeu que o jovem não possuía os conhecimentos necessários para assumir um encargo tão pesado.

Resolveu contratar um sábio para ensinar as complexas matérias da arte de governar ao seu escolhido. Para que ele não estudasse sozinho, designou como companheiro o filho de sua décima quinta concubina, uma mulher que recebera como presente de alguém da corte já esquecido. E como os dois filhos do imperador não poderiam ficar sem auxílio durante as aulas, designou um servo para acompanhá-los.

Como era imperador, demandou que o sábio dos sábios do império se apresentasse para realizar a tarefa. Tratava-se, porém, de um homem bastante avançado em anos, que alegou não estar em condições físicas de realizar tão honrosa tarefa. Chamou o segundo sábio mais renomado do império, mas novamente não foi atendido. Este encarceu a grandeza da missão, mas possuía muitas mulheres, muitos filhos, muitos alunos, morava distante e temia ser incapaz de despojar-se de todas as obrigações que já assumira para se dedicar inteiramente aos filhos do imperador. O imperador recebeu a recusa com relutância, mas, como não faltavam sábios renomados na China, decidiu convocar o terceiro sábio mais admirado do império. Esse reagiu do mesmo modo que os anteriores. Sentia-se engrandecido pela escolha, mas lamentava não poder atender o imperador por ter programado uma longa viagem ao interior do império em busca de novos conhecimentos. Indignado com tais recusas, o imperador reuniu os três sábios e determinou que, se um deles não aceitasse a tarefa, todos seriam sumariamente executados antes do anoitecer. Os sábios não olharam para o sol, que já havia ultrapassado seu zênite. Confabularam entre si por alguns instantes e, finalmente, o mais sábio decidiu explicar ao imperador o motivo da recusa.

– Meu senhor – disse o sábio – perguntastes por que nos recusamos a executar a tarefa que é a razão de nossa vida, uma vez que decidimos ser sábios e ensinar a todos. Não se trata de vontade, visto que diante de vossa majestade não possuímos nenhuma, mas sim da impossibilidade de realização da missão.

– Como pode ser impossível realizar uma tarefa tão simples quanto educar três jovens com todos os recursos à disposição do mestre? – retrucou enfurecido o imperador.

O sábio prostrou-se. Pediu mil perdões pela sua impostura. Louvou a grandeza ímpar do imperador. Por fim, respondeu que a tarefa era impossível por causa dos alunos. Ante a surpresa do imperador, que sabia da saúde e da inteligência dos três jovens, o sábio explicou:

– A tarefa é impossível porque vosso filho favorito, aquele que irá sucedê-lo no comando do império, sabendo-se escolhido, acredita que já não precisa de mais nada para ser imperador além do desejo do seu pai. Já seu irmão, aquele que é filho de uma concubina sem nome, sabendo-se preterido, acredita que em nada modificará sua vida tal conhecimento, uma vez que será sempre o esquecido. O servo, ao contrário de seus senhores, deseja muito aprender, porém nada sabe, e quem nada sabe, nada aprende. Em suma, meu imperial senhor, vós nos destes a missão de ensinar para as mais temíveis inimigas de qualquer educador: a arrogância, a indiferença e a ignorância. Separadas podemos combatê-las e vencê-las, juntas são imbatíveis.

\* \* \* \* \*

Como os sábios do imperador chinês, vivemos nas escolas uma situação difícil com os alunos, os professores de outras disciplinas, os dirigentes educacionais e a sociedade, quando a matéria é literatura. Alguns acreditam que se trata de um saber desnecessário. Para esses, a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado, que já deveria ter sido abolido das escolas. Eles não sabem, mas pensam que não precisam aprender literatura, porque já conhecem e dominam tudo o que lhes interessa. Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio. É a mesma arrogância que reserva à disciplina Literatura no ensino médio uma única aula por

semana, considera a biblioteca um depósito de livros e assim por diante. Outros têm consciência de que desconhecem a disciplina, porém consideram o esforço para conhecer desproporcional aos seus benefícios. São os indiferentes, para quem ler é uma atividade de prazer, mas o único valor que conseguem atribuir à literatura é o reforço das habilidades lingüísticas. É por isso que não se importam se o ensino de literatura constitui-se em uma seqüência enfadonha de autores, características de estilos de

época e figuras de linguagem, cujos nomes tão-somente devem ser decorados independentemente de qualquer contexto. Por fim, há aqueles que desejam muito estudar literatura ou qualquer outra coisa. Todavia, seja por falta de referências culturais ou pela maneira como a literatura lhes é retratada, ela se torna inacessível. Para eles, a literatura é um mistério, cuja iniciação está fora de seu alcance. Não surpreende, portanto, que tomem a poesia como um amontoado de palavras difíceis e tenham dificuldade em distinguir a ficção de outros discursos de realidade.

É para enfrentar essas situações de arrogância, indiferença e desconhecimento a respeito da literatura na escola que escrevemos este livro. Letramento literário: teoria e prática é uma proposta de ensino da leitura literária na escola básica. Resultado de vários anos de leitura, pesquisas, práticas de sala de aula minhas e de colegas, de alunos e de alunos de alunos, não foi escrito para especialistas, mas sim para professores que desejam fazer do ensino da literatura uma prática significativa para si e para seus alunos. Não pretende, portanto, revolucionar o ensino de literatura, nem estabelecer marcos teóricos ou metodológicos. Ao contrário, ele se configura, por assim dizer, como uma reinvenção da roda. Por isso, e como os débitos são muitos, optamos por não fazer referências bibliográficas extensas ao longo do texto. O leitor interessado encontrará na bibliografia os autores e títulos que o auxiliarão no aprofundamento dos tópicos aqui tratados.

Escolhemos denominar a proposta de letramento literário para assinalar sua inserção em uma concepção maior de uso da escrita, uma concepção que fosse além das práticas escolares usuais. De uso recente na língua portuguesa, a palavra letramento tem suscitado algumas controvérsias. Tradução do inglês literacy, o letramento, como explicita Magda Becker Soares em Letramento: um tema em três gêneros (1998), dá visibilidade a um fenômeno que os altos índices de analfabetismo não nos deixavam perceber. Trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas. Há, portanto, vários níveis e diferentes tipos de letramento. Em uma sociedade essencialmente letrada como a nossa, mesmo um analfabeto tem participação, ainda que de modo precário, em algum processo de letramento. Do mesmo modo, um indivíduo pode ter um grau sofisticado de letramento em uma área e possuir um conhecimento superficial em outra, dependendo de suas necessidades pessoais e do que a sociedade lhe oferece ou demanda.

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, que abordaremos adiante, o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade.

Neste livro, vamos tratar do letramento literário no que se refere a processo de escolarização da literatura. A proposta que subscrevemos aqui se destina a reformar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino básico. Em outras palavras, ela busca formar uma comunidade de leitores que, como toda comunidade, saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo. Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo.

\* \* \* \* \*

Para tratar de nossa proposta de letramento literário, dividimos o livro em três partes. Na primeira, apresentaremos algumas reflexões sobre o lugar da literatura em nossa sociedade e por que lhe atribuímos importância. De certa maneira, procuraremos responder a uma indagação básica de quem trabalha com leitura literária, isto é, qual o valor da literatura e sua função social. Também buscaremos tornar um tanto mais nítidas as relações entre literatura e educação. Como se sabe, essas relações são antigas, mas vamos centrar nossa atenção em como se tem ensinado literatura no Brasil e as conseqüências dessa tarefa na formação dos leitores literários. O centro da discussão será a didatização ou escolarização da literatura, na tentativa de compreender como se

deu a passagem da literatura como arte para a literatura como disciplina escolar. Outra questão importante é a crença de que literatura não se ensina, basta a simples leitura das obras, como se faz ordinariamente fora da escola. Vamos, portanto, analisar os pressupostos dessa crença e reafirmar a necessidade do ensino da literatura na escola. Ensino que passa, necessariamente, pela seleção de textos. Nesse caso, procuraremos discutir os critérios utilizados para essa seleção, em que estão presentes outras tantas seleções relacionadas ao cânone literário e às características do leitor-aluno. Por fim, abordaremos o processo de leitura à luz das várias teorias da leitura. O objetivo é esclarecer a concepção de leitura que fundamenta o caminho a ser seguido para o letramento literário na escola.

Na segunda parte, abordaremos a proposta em seu aspecto mais aplicado, ou seja, vamos falar dos procedimentos que efetivam a proposta de letramento literário. Inicialmente, trataremos da necessidade de um método para se trabalhar a literatura na escola, compreendendo que todo processo educativo precisa ser organizado para atingir seus objetivos. Depois, apresentaremos as atividades coordenadas de ensino e aprendizagem de leitura literária na escola básica com o objetivo de construir comunidades de leitores. No fechamento dessa segunda parte, vamos tratar, brevemente, do processo de avaliação dentro da perspectiva do letramento literário aqui proposta. Na terceira parte faremos uma reflexão sobre o desafio de se trabalhar com o diferente em uma escola que resiste a mudanças e também traremos propostas de oficinas para o professor adaptar em seu trabalho com o letramento literário.

\* \* \* \* \*

Um livro que envolveu tantos anos de elaboração não poderia ter chegado ao seu termo sem a ajuda de muitas pessoas. Quero, portanto, iniciar meus agradecimentos pelos alunos de meus alunos que experienciaram em sala de aula essa proposta de letramento literário. Foram os resultados alcançados nas salas de aula, em lugares tão diversos como os estados do Acre, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, que me animaram a colocar na forma de livro o que costumava discutir e analisar nas disciplinas de Metodologia do Ensino da Literatura e da Língua Portuguesa nos cursos de Letras e Pedagogia. Gostaria de poder citá-los individualmente, pois minha dívida com eles é enorme, mas não teria páginas suficientes para tantos. Não poderia deixar de citar, entretanto, os nomes de Rita Maffia Lopes e Marília Furtado, alunas-professoras que gentilmente me forneceram farto material de suas atividades em sala de aula e alimentaram parte dos exemplos que se encontram reproduzidos neste livro.

Também expressei minha gratidão aos meus colegas que compartilharam experiências e debateram comigo algumas das idéias aqui discutidas. Na Faculdade de Letras, agradeço o incentivo de Cíntia Schwantes, Maria Amélia Idiart Lozano e Eni Celidônio. Na Faculdade de Educação, agradeço a parceria de Graça Paulino, Marildes Marinho e Aracy Evangelista. De maneira muito especial, quero agradecer a três colegas que, em prova de amizade e consideração, prontificaram-se a ler os originais e apontaram muitas questões a serem resolvidas: Néa de Castro, Nívia Eslabão e Ana Cláudia Fidélis. Naturalmente, os erros que permaneceram são resultados de minha teimosia. Por fim, diz-se que não se agradece sentimentos íntimos, mas não posso deixar de agradecer a paciência e a generosidade de minha esposa, que leu com os olhos do coração todas as palavras deste livro.